

Cinema: Woody Allen lança novo filme no Festival de Veneza • 3

SEGUNDO CADERNO

Fotografia: Livro revê carreira de Milton Montenegro • 8

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 1999

Bom de história

Sérgio Ricardo completa 50 anos de carreira e revê sua obra em show no Municipal

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Acena, no Festival de MPB da TV Record, em 1967, ainda o persegue. Impedido de cantar a música "Beto bom de bola" por uma estrondosa vaia, Sérgio Ricardo quebrou o violão e jogou seus destroços sobre a platéia. Mais de três décadas depois, ao rebobinar os 50 anos de carreira, o compositor, cantor, pianista, ator e cineasta lembra de um episódio de sua infância, em Marília, interior de São Paulo, quando ainda se chamava João Mansur Lufti, que funciona como um curioso paralelo: o pai árabe, destruindo o alaúde. Aos 67 anos, Sérgio Ricardo comemora as cinco décadas de carreira com novo CD, "Quando menos se espera", que lança no próximo dia 15 no Teatro Municipal, junto com a peça sinfônica "João e Joana", cordel com letra de Carlos Drummond de Andrade. No evento, idealizado por Ricardo Cravo Albim e dirigido por Adonis Karam, Sérgio divide o palco com Chico Buarque, Elba Ramalho, Alceu Valença, Zélia Duncan, Telma Tavares e a filha Marina, além dos músicos Jurin Moreira, Bororó, Lui Coimbra, Zé Marcos e a orquestra sinfônica sob regência de Silvío Barbato.

• **MARÍLIA, SP:** A minha casa era musical por excelência porque minha mãe tinha uma voz afinadíssima, muito bonita e cantava na cozinha, no banheiro, em tudo que era lugar. Ela queria que os filhos fossem músicos. Meu pai, árabe, tocava alaúde e eu gostava muito de ouvi-lo, tinha uma enorme ternura por aquele instrumento. Não esqueço o dia em que ele, atormentado pelo fato de achar que toda vez que tocava chegava alguma notícia ruim das arábias, destruiu o instrumento para quebrar o "azar". Tinha uns 8 anos quando minha mãe nos levou, a mim e ao meu irmão, violinista da sinfônica hoje em dia, para estudar música. No conservatório de Marília, onde nasci, o professor nos apresentou ao piano e ao violino para que fizéssemos a escolha. Meu irmão escolheu o violino e eu, o piano, para surpresa de minha mãe. Comecei então a tomar contato com a música de verdade. De repente achei que já era músico, não tinha idéia da pedreira que

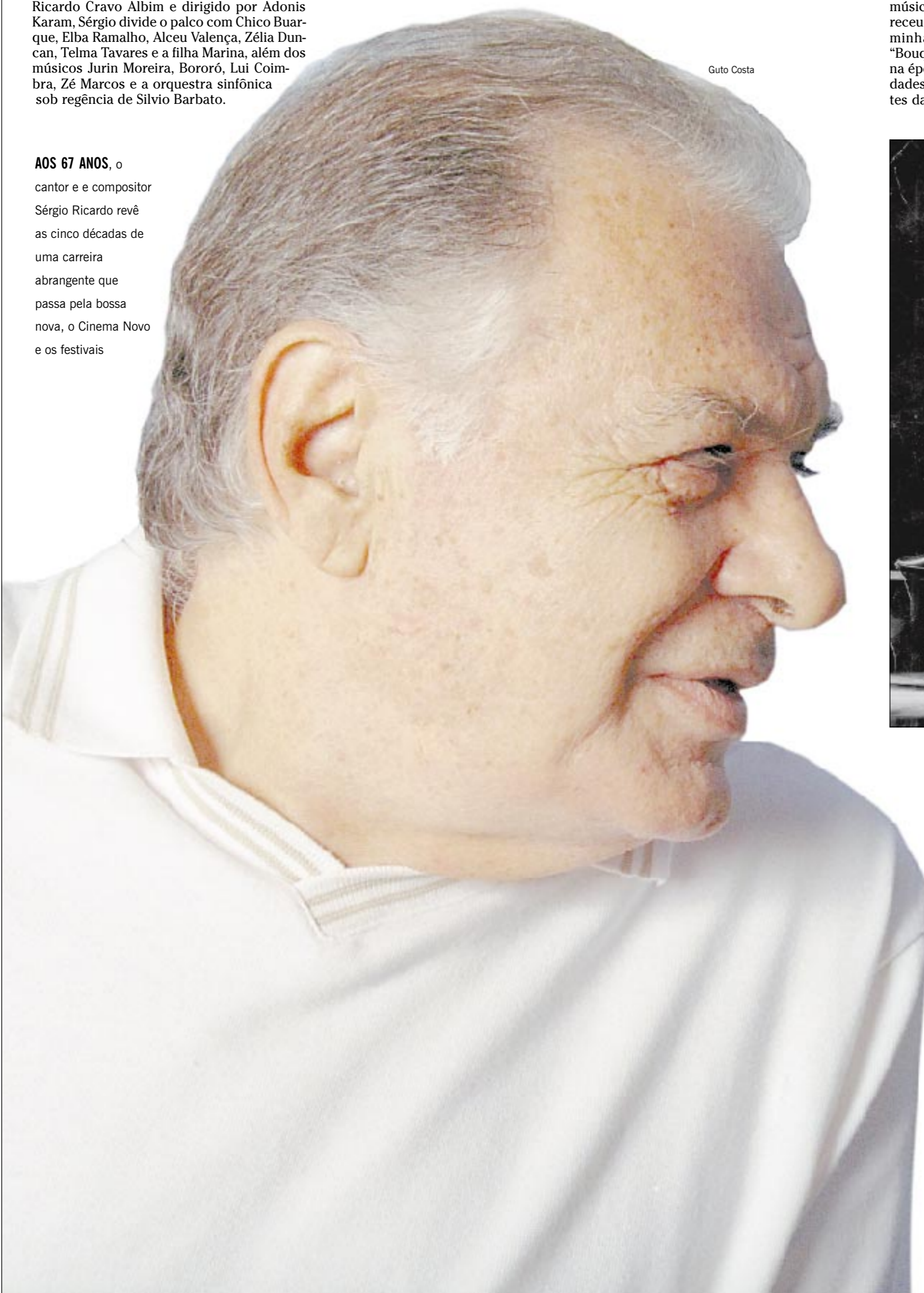
iria enfrentar. Aos 17 anos fui embora de Marília. Fui trabalhar na Rádio Cultura de Santos que era de um tio meu, Paulo Mansur. Não abandonava o sonho do piano. Meu tio arranjou uma boate, onde eu poderia praticar durante o dia. Algum tempo depois o dono da tal boate me convidou pra fazer um trabalho à noite.

• **RIO DE JANEIRO:** Quando me mudei para o Rio continuei a estudar piano, na Escola Nacional de Música, e retomei os estudos de teoria e solfejo só para ter um professor no meu pé. Comecei a procurar trabalho nas boates e um dia soube pelo Newton Mendonça que iria abrir uma vaga de pianista na Boate Posto 5, justamente no lugar do Tom Jobim, que estava deixando a noite. Cheguei lá para o teste, o Tom estava no piano, não o conhecia mas já tinha ouvido falar muito dele através de músicos. Ainda não atentava para harmonia, não era um aficionado em

acordes. Tom anunciou muito gentilmente o meu nome, naquela época ainda João Mansur, sentei-me no piano e toquei tudo que sabia. Depois do teste ele me elogiou muito mas disse que eu deveria cuidar mais das harmonias. Começou a me mostrar no piano várias harmonizações e formas diferentes para "Feitiço da Vila", de Noel Rosa. Fiquei maravilhado com aquilo. Com o Tom, descobri um novo universo. Fui aprovado no teste e assumi o lugar dele. Trabalhei algum tempo lá e depois passei por tudo que era boate do Rio e de São Paulo durante uns dez anos da minha vida. Comecei a cantar por acaso na boate Chez Colbert, quando a dona me pegou cantarolando durante um ensaio. Disse que minha voz era bonita, que eu era cantor e não sabia. Resisti muito mas mesmo assim a mulher me botou pra cantar. No que comecei a cantar, comecei a compor. E o cantor agradou muito mais do que o pianista. Nessa de cantar comecei a mostrar umas músicas que vinha compondo. Até que apareceu a Maysa e se entusiasmou com uma de minhas canções e acabou gravando. Foi "Bouquet de Isabel", que fez muito sucesso na época. A partir daí surgiram as oportunidades para começar a gravar. Isso tudo antes da bossa nova. *Continua na página 2*

Guto Costa

AOS 67 ANOS, o cantor e compositor Sérgio Ricardo revê as cinco décadas de uma carreira abrangente que passa pela bossa nova, o Cinema Novo e os festivais



6-9-66

SÉRGIO RICARDO em 1966, um ano antes de se desiludir com os festivais da canções e quebrar o seu violão: mais de 30 anos depois, o polêmico episódio ainda é uma referência na vida do artista